

A Influência Histórica sobre o Paradigma das Pesquisas Contábeis: reflexões e propostas para além da abordagem dominante

La influencia sobre el paradigma de las investigaciones contables: reflexiones y propuestas más allá del abordaje dominante

The Historical Influence on the Paradigm of Accounting Research: reflections and proposals beyond the dominant approach

Eduardo Codevilla Soares

Doutor em Ciências Contábeis (UFU)
Universidade Federal de Roraima (UFRR)
eduardo.soaresufr.br
<https://orcid.org/0000-0002-6808-8729>

Vagner de Oliveira Magrini

Doutorando em Ciências Contábeis (UFU)
vmagrini82@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5845-5249>

Nilton Cesar de Lima

Doutor em Administração (USP)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
niltoncesar@ufu.br
<https://orcid.org/0000-0002-8933-9953>

Resumo

Objetivo: Abordagens contábeis que buscam entendimentos sobre como a compreensão da realidade é influenciada pelos atores vem emergindo nos estudos contábeis. As reflexões críticas e a ampliação de compreensões sobre questões onto-espitêmicas se tornaram inerentes a estas perspectivas. Neste contexto o objetivo deste estudo é identificar quais são as influências históricas sobre o *mainstream* da pesquisa contábil e as novas perspectivas de estudo com abordagem crítica.

Abordagem: Este estudo é um ensaio teórico, crítico, argumentativo, discursivo e reflexivo sobre a influência de eventos históricos sobre o *mainstream* da pesquisa contábil e sobre a necessidade da inserção de novas perspectivas críticas em pesquisas dessa área de conhecimento. É um convite a pensar sobre a contabilidade. Trata-se de uma argumentação reflexiva sobre a perspectiva crítica contábil, a qual explora pontos de vista diversos sobre o tema, em especial vinculados ao seu surgimento (o que está sendo criticado) e seus desdobramentos.

Contribuições e originalidade: O estudo evidencia que formas plurais de promover os conhecimentos contábeis não só são possíveis como necessárias no século XXI. O estudo evidencia que formas plurais de promover os conhecimentos contábeis não só são possíveis como necessárias no século XXI. Tal perspectiva é necessária e inovadora na medida em que o estudo em voga emprega abordagens que rompem o pensamento monoparadigmático contábil vigente dos norteadores teóricos da área e que vem ganhando espaço nos enfoques aplicadas à área.

Resultados: Como resultado expõe-se que o debate onto-epistemológico franco e aberto é capaz de conduzir os cientistas contábeis de uma situação de passividade analítica sobre as

mazelas da sociedade para uma posição ativa, promotora de soluções organizacionais de impacto social.

Palavras-Chave: Abordagem histórica. Paradigmas. Ciência contábil.

Abstract

Objective: Accounting approaches that seek understanding about how the understanding of reality is influenced by the actors involved has been emerging in accounting studies. Critical reflections and the expansion of understandings about onto-epistemological issues became inherent to these perspectives. In this context, the objective of this study is to identify what are the historical influences on the mainstream of accounting research and the new perspectives of study with a critical approach.

Approach: This study is a theoretical, critical, argumentative, discursive and reflective essay on the influence of historical events on the mainstream of accounting research and on the need to insert new critical perspectives in research in this area of knowledge. It is an invitation to think, to reflect on the accounting mainstream. It is an argument or a discussion about the critical accounting perspective, which explores various points of view on the subject.

Contributions and originality: The study shows that plural forms of promoting accounting knowledge are not only possible but necessary in the 21st century. The study shows that plural forms of promoting accounting knowledge are not only possible but necessary in the 21st century. Such a perspective is necessary and innovative insofar as the current study employs approaches that break with the current monoparadigm accounting thinking of the theoretical guides in the area and that has been gaining space in approaches applied to the area.

Results: As a result, it is exposed that a frank and open onto-epistemological debate is capable of leading accounting scientists from a situation of analytical passivity about society's ills to an active position, promoting organizational solutions of social impact.

Keywords: Historical approach. Paradigms. Accounting science.

Resumen

Objetivo: Enfoques contables que buscan una comprensión sobre como la realidad es influenciada por los actores involucrados vienen emergiendo en los estudios contables. Las reflexiones críticas y la amplitud de comprensiones sobre cuestiones ontoepistemológicas se vuelven inherentes a estas perspectivas. En este contexto el objetivo de este estudio es identificar cuáles son las influencias históricas sobre el mainstream de la investigación contable y las nuevas perspectivas de estudio con enfoque crítico.

Abordaje: Este estudio es un ensayo teórico, crítico, argumentativo, discursivo y reflexivo sobre la influencia de eventos históricos sobre el mainstream de la investigación contable y sobre la necesidad

de la inserción de nuevas perspectivas críticas en investigaciones de esa área de conocimiento. Es una invitación para pensar sobre la contabilidad. Este es un argumento reflexivo sobre la perspectiva crítica contable, la cual explora puntos de vista diversos sobre el tema, en especial vinculados a su surgimiento (lo que está siendo criticado) y sus desdoblamientos.

Contribuciones y originalidad: *El estudio pone en evidencia que formas plurales de promover los conocimientos contables no sólo son posibles como imprescindibles en el siglo XXI. Tal perspectiva es necesaria e innovadora en la medida que el estudio en boga utiliza abordajes que quiebran el pensamiento mono paradigmático contable vigente de los orientadores teóricos y que vienen ganando espacio en los enfoques aplicados al área.*

Resultados: *Como resultado se expone que el debate ontoepistemológico franco y abierto es capaz de llevar a los científicos contables de una situación de pasividad analítica sobre los males de la sociedad para una posición activa, promotora de soluciones organizacionales de impacto social.*

Palabras clave: *Abordaje histórico. Paradigmas. Ciencia contable.*

1 Introdução

Debate-se em profundidade no campo da filosofia da ciência sobre o que o ser humano entende como realidade, dentre muitos pesquisadores da área, esse é um debate notado em considerações a respeito da objetividade e da subjetividade, como no caso das considerações de Lakatos (1979), Kuhn (2017), Popper (2017) e Feyerabend (2011). Tais debates lançam luz para entendimentos que consideram a realidade vivenciada tanto de maneira dependente ao raciocínio humano (Como Popper e Lakatos) quanto a partir da noção de que essa mesma realidade só faz algum sentido se suas características passarem por alguns níveis de consciência humana (Como Kuhn e Feyerabend).

Outros pesquisadores da filosofia da ciência como Toulmin (2001), Maturana (2002) e Laudan (2011) abordam essa questão por uma perspectiva longitudinal, ou seja, eles consideram que com o tempo o ser humano vai aprendendo o que é a realidade que vivencia. Nesta linha de pensamento, conforme os anos se passam os humanos continuam aprendendo a aprender, o que se torna um processo que percorre toda a vida (Kuhn, 2017).

Para Bachelard (1978) muito desse processo parece estar vinculado com a forma como as pessoas superam os grandes, ou pequenos, obstáculos que encontram em sua jornada. Já Lakatos (1979) complementa essa noção, informando que nesse processo de superação, o ser humano precisa constantemente lançar novos olhares sobre a realidade. Feyerabend (2011) indica que é justamente do resultado desse processo que a construção do conhecimento recebe sentido, e se torna uma maneira de se entender a realidade.

No entanto, Marconi e Lakatos (2003), Sampieri et al. (2006) e Laville & Dionne (2007) apontam para uma diferença fundamental entre o conhecimento espontâneo (popular ou senso comum) e o conhecimento científico. Para esses autores o conhecimento espontâneo é aquele baseado na intuição, na tradição ou na autoridade, já o conhecimento científico é o que se alicerça em elementos não excludentes entre si, mas que dependem de exercícios intelectuais e maneiras específicas para a sua construção. Portanto, sendo o conhecimento científico o

alicerce fundamental para a construção de uma identidade humana racional, ele se torna o objetivo final das matérias científicas (Wittgenstein, 1999).

As ciências contábeis não são exceção a esse contexto, contudo, abordando as considerações de Chua (1986), Cooper e Hopper (1987), Morgan (1988), Carnegie e Napier (2012), Deegan (2017), Morales e Sponem (2017) e Duarte et al. (2021) é possível perceber que a epistemologia da contabilidade, enquanto tópico de pesquisa, passou a receber ênfase nos estudos contábeis há pouco menos de trinta anos. Assim, os debates em profundidade sobre a maneira como o conhecimento científico contábil é construído é relativamente recente, mas presente.

Para Mendes et al. (2020) e Homero Junior (2021) mesmo levando em conta o surgimento de abordagens contábeis que buscam entendimentos sobre como a compreensão da realidade é influenciada pelos atores envolvidos, é dominante nas ciências contábeis estudos voltados para a concepção da realidade de forma estática, distante, naturalizada e independente da subjetividade humana.

Conectar a contabilidade a interpretação de movimentos históricos e filosóficos é uma maneira de contribuir com o processo de amadurecimento da área enquanto campo de conhecimento. Esse estudo propõe reflexões relativas ao resgate histórico de aspectos que aparentemente não possuem relações diretas com a contabilidade, mas que quando abordados sob a perspectiva crítica iluminam possíveis causas da emergência e estabelecimento do paradigma contábil dominante.

Duarte et al. (2021) estabelecem uma diferenciação entre a história tradicional da contabilidade e a nova história da contabilidade. Os autores remetem-se ao fato de que do lado o tradicional, há um discurso historicamente construído e balizado em premissas funcionalistas, o qual visa evidenciar (consagrar, reconhecer) determinados momentos e atores históricos, e assim validar o discurso positivista. De outro lado, a nova história da contabilidade, evidencia a noção de que a contabilidade faz parte do contexto organizacional e desenvolve-se em conjunto a ele, tornando-se intrínseco ao contexto social.

Considerando a relevância do contexto histórico para o desenvolvimento da contabilidade, Carnegie e Napier (2012) destacam que o reconhecimento dos padrões históricos são caminhos possíveis para a formação de novos conhecimentos. Os autores identificam que os novos estudos históricos na área contábil têm a capacidade de promover mudanças conscienciais e oferecer novos sentidos para ciência e prática contábil. Neste sentido, Duarte et al (2021) e Carnegie e Napier (2012) demonstram como a reflexão crítica sobre padrões do passado conduzem a novos conhecimentos, os quais envolvem a situação presente e, conseqüentemente, formulam concepções para que se descortinem possibilidade de diferentes futuros, em contraste a um futuro determinístico das leituras convencionais.

Esse cenário demonstra algumas contradições em relação a premissas mainstream do debate científico contábil, estudos como os de Nepomuceno (1999), Frezatti et al. (2009), Mendes et al. (2020) e Homero Junior (2021) apontam para o fato de que a ciência contábil passou a vislumbrar algumas preocupações sobre a compreensão de aspectos os quais

influenciam a realidade percebida. Encontrando, na maioria dos casos, a abordagem crítica como um campo fértil para considerações nesse sentido.

Dado este cenário emergente nas ciências contábeis, ou seja, o debate entre pressupostos da concepção científica *mainstream* (tradicional) e a concepção crítica (recente), algumas reflexões que envolvem entendimentos ampliados sobre a sociedade, as organizações e os mercados passam a receber maior evidência no campo científico contábil. Como consequência desse salutar e emergente debate verificam-se o surgimento de algumas tensões, principalmente inerentes a relação entre a teoria e a prática da contabilidade (Homero Junior, 2017, 2021; Sauerbronn et al., 2021).

Sob um enfoque tradicional da contabilidade, parte-se do princípio de que teoria e prática são dimensões diferentes do raciocínio científico, pesquisadores como Watts & Zimmerman (1986), Macintosh (2009) e Mattessich (2012) empregam teorias como conjuntos de regras de inferências, voltadas para o estabelecimento de previsões de dados e fatos; já a prática é considerada como a maneira em que as coisas acontecem. Basu (2012), Moser (2012) e Waymire (2012) esclarecem que dessa separação (entre teoria e prática), é que se estabelece o pragmatismo em relação a aplicabilidade das teorias acadêmicas para além das fronteiras da academia.

Contudo sob a concepção crítica, realidade e prática são entendidas como aspectos da intrinsecamente relacionados, uma fazendo parte e dependendo da outra ou mesmo tempo (Chua, 1986; Gallhofer e Haslam, 2019; Hertzog e Weiss, 2015; Wong et al., 2021). Nesse contexto, a teoria é uma representação potencial da prática, sendo a prática o atendimento de determinado potencial teórico na realidade. Logo, o papel da ciência neste contexto crítico é o oferecimento de soluções para a superação de obstáculos práticos visando a realização de diferentes potenciais da realidade (Nobre, 2004).

Tal distinção entre elementos fundamentais da construção do conhecimento (Teoria e prática) acarretam no estabelecimento de diferenças essenciais na forma como a ciência é praticada, ou seja, o entendimento do cientista sobre o que é a teoria e a prática, bem como a maneira como elas se relacionam, determinam os caminhos tomados por cada um ao promoverem o desenvolvimento da ciência. A relação entre teoria e prática é inerente ao debate sobre a maneira como a realidade é compreendida (questão debatida em profundidade por pesquisadores da filosofia da ciência), no caso da contabilidade essa diferença vem sendo tratada como a dicotomia entre ciência contábil *mainstream* e a abordagem crítica da contabilidade.

Tendo em vista o consolidado arcabouço conceitual contábil (*mainstream*); a emergência de reflexões críticas da contabilidade (*non-mainstream*) e; a ampliação de reflexões sobre e realidade e a construção do conhecimento contábil, esse estudo é um convite a refletir sobre a seguinte questão: Quais são as influências históricas sobre o *mainstream* da pesquisa contábil e as novas perspectivas de estudo com abordagem crítica?

É objetivo deste estudo é Identificar quais são as influências históricas sobre o *mainstream* da pesquisa contábil e as novas perspectivas de estudo com abordagem crítica . Como forma de responder a questão de pesquisa proposta e atender o objetivo emanado este

estudo é desenvolvido como um artigo teórico, trata-se de um trabalho estruturado, discursivo, argumentativo e reflexivo, que busca tratar a questão utilizando-se de estudos teóricos e empíricos.

A justificativa em realizar este estudo decorre da percepção de que mesmo havendo um notável crescimento de produções científicas na área contábil nos últimos anos, reflexões sobre as características da própria contabilidade enquanto área científica não avançaram na mesma medida (Homero Junior, 2017; Lukka, 2010). Ou seja, a ciência contábil gerou considerável e relevante produção científica sobre preceitos técnicos da atividade do contador, porém, tais contribuições produziram, ou ainda produzem, poucas reflexões sobre o próprio contador, o meio em que atua e principalmente as premissas que ele assume ao entender algo como verdadeiro ou real.

Desta forma, esse estudo visa ampliar um debate já iniciado nacionalmente por Iudícibus et al. (2012) e Lopes e Martins (2005) e tantos outros, porém, conduzindo-o para entendimentos que abarquem não apenas o embate de abordagens contábeis conjecturais, mas envolvam também considerações referentes a construção do conhecimento na ciência contábil, entendendo que formas plurais (Hirsch, 2020; Ucnik 2020) de promover o conhecimento não só são possíveis como necessários na sociedade do século XXI.

Tal perspectiva é necessária e inovadora na medida em que o estudo em voga emprega abordagens que rompem o pensamento *monoparadigmático* contábil (Frezatti et al., 2009) vigente dos norteadores teóricos da área. Como proposto por Chabrak, Haslam e Oakes (2019) e que vem ganhando espaço nos enfoques aplicadas à área como considerado por Gendron e Baker (2005); Homero Junior (2017); Wanderley e Cullen (2012) e Andrew et al. (2020).

No intuito de promover as reflexões desejadas, e atender a questão proposta o presente estudo é um ensaio teórico, pois trata-se de um trabalho estruturado, discursivo, argumentativo e reflexivo, que busca tratar uma questão utilizando estudos teóricos e empíricos. Nesse sentido, a fundamentação metodológica para a realização desse estudo são debatidos no próximo item, aspectos metodológicos, as reflexões teóricas propostas são empreendidas ao longo do restante do artigo ao final são tecidas algumas considerações, as quais visam esclarecer os resultados obtidos neste estudo, mas principalmente apontar aspectos para novas reflexões contábeis.

2 Aspectos metodológicos

Para Meneghetti(2011) o ensaio teórico não está atrelado ao rigor metodológico, mas se encaixa enquanto um produção científica justamente por focar na capacidade reflexiva sobre a compreensão da realidade, foco do estudo em questão. Sendo assim, não há qualquer interesse em comprovação empírica das informações abordadas, uma vez que dado a questão emanada, não existem pressupostos a serem confirmados, ou seja, o estudo firma-se em aspectos históricos materiais como forma de refletir sobre a realidade e não em evidências empíricas.

Dado o caráter teórico do estudo emprega-se como método a revisão da literatura, tal como proposto por Snyder (2019). A opção por este método é decorrente do escopo do estudo, o qual busca promover reflexões em profundidade sobre a realidade nas pesquisas contábeis,

elemento de pouca diversidade na área. Essa pesquisa segue o delineamento metodológico de revisão narrativa aos moldes de Patton (2015), Snyder (2019) e Ronzani et al. (2020), uma vez que se pretende estabelecer reflexões sobre os impactos das perspectivas históricas convencionais na racionalidade de produção científica contábil *mainstream*, excluindo-se qualquer possibilidade de mensuração relacionada a esses aspectos. Esse delineamento de pesquisa permite a autores e leitores, ao mesmo tempo: o raciocínio científico sobre áreas complexas e; a avaliação da razoabilidade dos argumentos alçados.

Esse é um estudo qualitativo aos moldes de (Creswell, 2010), lançado sobre reflexões contábeis de acordo com os preceitos de Lee & Humphrey (2006) e Vaivio (2008), Gray & Milne (2015) e Villiers et al. (2019). Assim, a validade das contribuições propostas estão em consonância com a capacidade dos pesquisadores em descrever o assunto, expondo a confiabilidade dos seus conteúdos mediante a aptidão em abordar a realidade e o contexto das abordagens utilizadas.

Cabe ressaltar que a qualidade da pesquisa qualitativa está vinculada às inferências realizadas pelos autores em relação aos dados obtidos e não exclusivamente aos dados empregados (Atkinson & Paul, 2007; Collingridge & Gantt, 2008; Mays & Pope, 2019). Conforme Bryman (2003) o estudo qualitativo permite que o pesquisador se encaixe na posição de visualização das ligações entre eventos e atividades, e com isso, esteja apto a explorar interpretações humanas sobre os fatores que produzem essas conexões. Aspecto central do estudo em proposição.

Nesse estudo, sob a perspectiva ontológica, entende-se a realidade humana (social) de maneira subjetiva, dependente das reflexões das pessoas sobre ela, tal como proposto por Kohn (2015). Como o estudo não visa observar, nem mensurar, elementos objetivos da realidade (Natural), focaliza-se em entender como o ser humano, e a sua coletividade, entendem a realidade em que estão inseridos, seguindo princípios da abordagem fenomenológica constantes nas considerações de Heidegger (2005).

Sob o aspecto epistemológico opta-se por entendimentos relacionados ao humanismo existencialista de Sartre (2011), essa concepção abarca a noção de pluralismo como forma de entender o mundo através de diferentes perspectivas (Ucnik, 2020). Abordando a existência humana como a concepção de que o próprio homem faz de si e de suas relações com o meio Herrmann (2021). Abordando o processo de objetificação como uma forma de alienação social Sartre (2011), retomando o pensamento de Marx sobre a alienação pelo trabalho, mas compreendendo-a como a internalização de um projeto estranho de si mesmo imposto por uma situação que não lhe é própria.

Em relação a ciência contábil assume-se a perspectiva de Chabrak, Haslam e Oakes (2019) que apontam a necessidade dos cientistas da área em se desvencilhar das tradições do *mainstream* como forma de promover questionamentos sobre as convenções, pressupostos e preconceitos estabelecidos na área.

Dado a linha de pesquisa elencada, ou seja, o caráter argumentativo, discursivo e reflexivo deste texto, não há uma sequência sistematizada, formalizada e intencional que ofereça fundamentação específica para cada etapa do estudo. Essa pesquisa se alicerça

metodologicamente (1) na perspectiva do anarquismo epistemológico de Feyerabend (2011), (2) na noção de evolução científica, que segue caminhos não meramente racionais, mas incorporam variáveis intelectuais, sociais, culturais e históricas, de Toulmin (2001) e (3) na abordagem da explicação científica a partir da experiência do observador e das circunstâncias que a geraram de Maturana (2002).

3 O pensamento econômico/clássico da realidade social

A compreensão do pensamento econômico e contábil dominante passa pelo entendimento do raciocínio comum na idade moderna (1453 – 1789), essa forma de pensamento que emergiu dado a falência do paradigma da idade média (séculos V e XV), se baseava na contraposição aos conjuntos de verdades dogmáticas e aceções universais pré-estabelecidas sobre a realidade e verdade vivenciada, cuja contestação acarretava em torturas medievais e a morte (Bataille, 1975).

A idade moderna trouxe consigo uma forma científica para se obter a verdade, cujos questionamentos fundamentais passaram a pautar as reflexões, deixando para trás as verdades inquestionáveis, estabelecendo padrões sobre as maneiras elementares de obtenção de respostas a respeito do que era vivenciado, inclusive socialmente (Alexander, 1999).

Conforme exposto por Gonçalves (2019), a idade moderna foi um período em que a contabilidade recebeu grande relevância no contexto organizacional, os empresários de meados desse período histórico (onde ascenderam à classe Burguesa) ampliavam sua influência pela consolidação de investimentos massivos e diversificados.

Esse movimento tornava as operações empresariais mais complexas, o que demandava cada vez mais informações precisas e confiáveis sobre o fluxo de recursos (Capital), em especial as que versavam sobre o retorno desses investimentos.

Com o passar dos anos, a ascensão da burguesia ao poder político se consolidou, demarcada essencialmente pela revolução francesa, onde proporcionou profundas modificações à sociedade, impulsionando, entre outras, a adoção de perspectivas republicanas, constitucionais, quesitos de representatividade social, defesa da propriedade privada e emprego de forças armadas profissionalizadas (Hobsbawm, 2015).

É nesta época, já na idade contemporânea (1790 - atual) que o modelo econômico capitalista se consolidou e ganhou espaço em diferentes locais do globo. Aspecto que sedimentou a formação de Estados nacionais, dando origem a profundas disputas territoriais tanto na Europa quanto nas colônias, desdobrando-se inclusive em conflitos globais (Primeira e Segunda Guerra Mundial) (Bataille, 1975).

Nesse período, a contabilidade se revestiu de caráter essencialmente econômico, uma vez que serviu como um marcador essencial aos mercados, ao cooperar com a calibragem dos preços relacionados às atividades organizacionais, uma vez norteados pelas grandezas econômicas da oferta e a demanda.

A contabilidade recebe então o status de garantidora da confiabilidade frente as verificações financeiras dos atores econômicos, o que levou, através da definição exata das

técnicas contábeis, a formalização de apreciações objetivas sobre o funcionamento e desenvolvimento das organizações públicas ou privadas (Beaver, 1997; Iudícibus & Lopes, 2004; Lopes & Martins, 2005; Ryan et al., 2002; Scott, 2009).

A revolução industrial, retrato do período contemporâneo, representa a forma de pensar e agir de uma época cujo palco das emergentes atividades empresariais e das relações comerciais, detinha como raciocínio basilar a padronização e a hierarquização.

Com isso, certos entendimentos foram tomados como mais válidos (ou importantes) do que outros, demarcando, por sua vez, aspecto essencial ao raciocínio científico positivo, fruto desse período histórico (Hobsbawm, 2015).

Algumas características dessa cultura positivista como o pragmatismo, objetividade, impessoalidade e principalmente exatidão influenciaram o desenvolvimento da técnica contábil, promovendo o desenvolvimento de normas contábeis, que em alguns locais deu-se por iniciativa dos próprios profissionais, e em outros pelos interesses governamentais (Carqueja, 2007; Ott & Pires, 2009; Vernon Kam, 1990).

Tal desenvolvimento e disseminação da técnica contábil centrava-se no atendimento às necessidades informacionais, tanto de usuários internos quanto externos, com diferentes enfoques conforme dinâmica de formulação categorizadas sob normas que passaram a ser cunhada em cada país (Iudícibus et al., 2005).

4 O século XX e o pensamento econômico social

O final do século XIX foi um período marcado pelo desenvolvimento tecnológico em muitas áreas sendo reconhecido como o período da Segunda Revolução Industrial. O crescente nacionalismo, fruto da consolidação dos Estados nacionais ao longo do período moderno, se tornou um dos propulsores da Primeira Grande Guerra Mundial, que além dos inmensuráveis prejuízos humanos, ocasionou profundos prejuízos financeiros (Hobsbawm, 2015).

Os parques industriais europeus foram severamente prejudicados, assim como o seu setor agrícola que enfrentou graves restrições, transferindo a condição de potência econômica da Europa para os Estados Unidos. A crise europeia decorrente dessa guerra fez com que outras correntes de pensamento, divergentes ao sistema econômico dominante (capitalismo), passassem a ser consideradas, entre elas o comunismo (Lyotard, 2009).

Próximo ao final desse período de conflito, a eclosão da Revolução Russa levou o pensamento comunista a boa parte do leste europeu. A revolução se deu pela união de interesses de diferentes correntes políticas locais em sobrepor a monarquia (czares), conduzindo o poder político da nobreza (autocrática) para o povo, contudo, a sobreposição de interesses entre partes desses grupos, fez com uma ditadura socialista se estabelecesse no país (Hunt & Lautzenheiser, 2013).

De qualquer maneira, a Revolução Russa deixou claro que a existência de um modelo econômico divergente do capitalismo era possível, transferindo os macro-interesses do capital

para a coletividade ainda que tais preceitos fossem, em parte, contrariados pela NEP (Nova Política Econômica) implantada pela ditadura soviética (Heilbroner, 1996).

Por conseguinte, na década de 1920, ocorreu uma longa crise econômica, conhecida como a Grande Depressão, que envolveu o mundo inteiro. O sistema financeiro colapsou levando a inúmeros outros problemas econômicos. A situação de crise intensa do capitalismo fortalecia os modelos divergentes como o comunismo, especialmente pela baixa interferência dessa crise na União Soviética (Hobsbawm, 2015).

Como as soluções econômicas liberais da época, pautadas pelos preceitos do *Welfare State*, não eram suficientes para mitigar os problemas vigentes, nos Estados Unidos, berço da crise, foi criado um conjunto de práticas econômicas conhecidas como *New Deal* (Barbieri & Feijó, 2014).

Abriu-se então, espaço para que o governo americano passasse a agir ativamente na economia do país, entre suas ações criou programas sociais, combatendo monopólios, promovendo a criação de empregos, fomentando o desenvolvimento da agricultura e formulando políticas salariais (Mazzucchelli, 2008).

Uma das iniciativas tomadas sob a égide do *New Deal* foi a criação de institutos de ordem trabalhista e financeira, que regulavam tanto o setor comercial quanto o bancário, bem como a criação da *Securities and Exchange Commission* com atuação direta na regulação das atividades da bolsa de valores (Silva, 2019).

Conforme Mazzucchelli (2008), durante a década de 1920 as autoridades monetárias possuíam limitada capacidade de regulação e controle sobre os sistemas financeiros, sendo esse um fato que privilegiava as operações de alto risco das instituições financeiras, o que comprometia os recursos dos depositantes.

Para Silva (2019), as regulações americanas dos registros contábeis decorriam da ação das próprias empresas, inicialmente as bancárias e posteriormente as vinculadas ao mercado financeiro, ou aos próprios contadores.

Independentemente da origem, o interesse era oferecer maior segurança ao sistema como um todo. O uso das informações construídas sob esse conjunto de normas estava fortemente voltado para a realização de análises, suporte ou auxílio decisório aos atores econômicos (Silva, 2019).

Com o tempo, a emergência de reflexões aos processos de formulação das normas de funcionamento da atividade contábil, fez com que os investidores passassem a perceber que ainda que a atividade contábil fosse aprimorada, a informação recebida por eles continuaria sendo afetada pela possibilidade de opção das empresas em ofuscar suas declarações, o que geralmente ocorria sob o argumento de que a transparência financeira impactaria na competitividade organizacional, preocupação que não levava em conta os interesses dos próprios investidores (Silva, 2019).

Esse fato promoveu tanto a emergência da atividade de auditoria quanto a formação de fundações, associações e comitês voltados para a análise da ação contábil. Ao final da grande depressão de 1929, notou-se um forte movimento em direção a regulação da atividade contábil

dando início ao estabelecimento de regras formalizadas, exatas e pragmáticas em relação à técnica contábil.

O período entre-guerras (1918 – 1939) conforme Hobsbawm (1995), foi caracterizado por uma pausa entre os conflitos bélicos, mas não entre as hostilidades nacionalistas. Para o autor, a profunda crise do modelo capitalista enfrentado na época, fez com que o emergente modelo comunista ganhasse força, bem como permitiu que outros modelos de organização social e política emergissem, inclusive o nazismo e o fascismo.

Esse contexto, conforme Rodrigues (2014), favoreceu a formação de um eixo entre Alemanha e a Itália, que culminou com a Segunda Guerra Mundial no ano de 1939. Período em que, todos os esforços dos envolvidos estavam voltados para enfrentamento bélico, o que inseria, entre outros, os aspectos econômicos, tecnológicos, industriais e científicos como esforços e alvos à sobreposição entre as nações.

Como consequência, ao final dos conflitos, a maioria dos países da Europa estavam economicamente destruídos. A União Soviética, berço do comunismo, que junto aos países aliados efetivou imensos esforços para que a guerra fosse vencida contra o eixo, emergiu como potência econômica junto aos Estados Unidos (Munhoz, 2020).

Tão logo a Segunda Guerra Mundial terminou, uma nova teve início, a guerra-fria. A essência desse novo conflito estava na ideologia e geopolítica, ou seja, diferentes perspectivas sobre a realidade social e econômica, cujo duelo emergia sob a capacidade de uma economia influenciar e tutelar sob outras regiões.

Para Munhoz (2020), estabeleceu-se relações sistemáticas baseadas na contraposição entre as perspectivas norte-americanas e russas, face aos elementos sociais, econômicos, tecnológicos, científicos e outros. Sendo esses, os meios de configurar as mais diferentes formas de influenciar a maior quantidade possível de outras nações.

A Guerra-Fria chega ao fim no início dos anos 1990 com a dissolução da União Soviética, o marco do encerramento desse período deu-se pela prolongada crise econômica e política que se arrastava nos países de ideologia soviética desde os anos 1970. No período entre os anos 1960 e 1990, notou-se a recrudescência de ideias econômicas clássicas.

Para Brue e Grant (2016), o economista Milton Friedman (1962) retoma a noção de liberdades individuais da escola clássica da economia, demarcando a emergência do pensamento neoclássico. Neste “novo” pensamento neoclássico o mercado passa a ser visto como um espaço de promoção de oportunidades igualitárias, e adquire também o status de caminho legítimo de superação das desigualdades de partida.

5 O pensamento econômico - neoclássico - da realidade social

Na concepção neoclássica, o mercado é neutro e somente ocorrem trocas de mercadorias de igual valor, fruto de uma transação comercial justa e racional. A emergente visão neoliberal da economia, abriu espaço para o surgimento de uma série de abordagens teóricas que passaram a formular o pensamento dominante nas ciências voltadas para os mercados e negócios (Dequech, 2007).

Notou-se, o surgimento de teorias sustentadas e ao mesmo tempo sustentadoras dessa perspectiva da sociedade como a Teoria da Agência, Teoria da Contingência, Hipótese dos Mercados Eficientes, Abordagem da Competitividade Organizacional, Maximização do Lucro dos Acionistas, Abordagens dos Clusters, Economia das Organizações, Estudos sobre a Estratégia Organizacional, Modelos de Negócios, Teoria dos Stakeholders, Visão Baseada em Recursos, entre outras (Mendes et al., 2020; Palea, 2017; Santos et al., 2015; Shearer, 2002; Sunder, 2014; Viegas & Oliveira, 2018)

Sob a tutela da teoria econômica, a teoria contábil acomodou-se como que em uma moldura. Com isso recebendo a notória condição de ser a própria representação do sistema de preços, e garantidora da capacidade dos atores econômicos realizem apreciações do valor dos usos alternativos das mercadorias, promovendo livremente a sua acumulação de riquezas. Uma posição que parecia bastante elogiosa, mas que o tempo revelou ser muito restritiva. Desta forma, construções teóricas-tecnicistas contábeis passaram a se assentar no que fora tomado como as abordagens normativista e positivista da contabilidade (Iudícibus et al., 2012; Martins, 2005, 2014).

Por um lado, autores contábeis esforçaram-se em considerar a contabilidade através dos seus padrões técnicos dominantes, ou seja, se utilizaram do raciocínio dedutivo como forma de constituir mecanismos de predição das ações aceitáveis aos profissionais da área. O que culminou no estabelecimento da lógica dos pronunciamentos esperados da prática contábil (Ott & Pires, 2009).

Por outro lado, outros autores preocuparam-se fundamentalmente com os aspectos de essência metodológica dos estudos contábeis, tomando a realidade de forma objetiva, construindo descrições teórico-empíricas da realidade percebida baseados em teorias que detinham aceitação pela comunidade científica. Como resultado dessa perspectiva positivista, os autores esperavam formular estudos capazes de serem falseados recebendo assim a legitimidade no campo científico e técnico (Wanderley & Cullen, 2012).

Em ambos os casos o normativismo e o positivismo contábil detinham uma perspectiva social similar. Indiferentemente da abordagem empregada, dedutiva ou indutiva, ao realizarem estudos contábeis, os pesquisadores da área comumente partiam (e partem) da compreensão da realidade de forma objetiva, ao mesmo tempo que consideravam (e ainda consideram) o mercado através da visão econômica neoclássica.

Passada a segunda metade do século XX e duas décadas do início do século XXI, período verificado como a pós-modernidade (Bauman, 2001), as certezas sobre a perenidade das instituições já não são tão evidentes como antes: as relações de trabalho, ou mesmo a existência dos produtos e serviços, se tornaram temporais e passageiros; o local e o regional deu lugar ao global; as profissões rapidamente se fundem, produzindo um contexto de interdependência mútua, fazendo, com certa velocidade, que novas profissões surjam e outras deixam de existir (Bauman, 2001)

O contexto pós-moderno é o de incertezas sobre o futuro, onde as metanarrativas passam por uma falência estrutural (Pagni, 2006), ou seja, os entendimentos sobre o que é a realidade

e as formas de acesso a elas, já não garantem compreensões suficientes para se obter uma verdade universal.

Crises descritas em detalhes tanto por Lyotard (2009) quanto por Heidegger (2005) e Wittgenstein (1999) emergem em decorrência das inúmeras falhas cotidianamente percebidas em relação a maneira como a realidade vem sendo descrita. Essa situação reflete com clareza o paradoxo da modernidade que envolve a emergência dos problemas sociais e ambientais e a necessidade de promover o crescimento econômico.

Assim, a metanarrativa iluminista (que sustenta as principais perspectivas positivistas) baseada no crescimento científico e tecnológico como forma de oferecer bem-estar social, apresentou profundas inconsistências fundamentais em seu cerne, expondo contradições como o fato de que o desenvolvimento tecnológico trouxe consigo a escassez de empregos, justamente pela substituição da mão de obra pela mecanização dos processos (Hobsbawm, 1995).

Tais inconsistências implicaram diretamente na narrativa (neo)liberal, a qual notoriamente perseguia preceitos da metanarrativa iluminista. Enunciando contradições essenciais no conceito de liberdade inerente a esta forma de pensar, ou seja, foram lançadas dúvidas sobre a assertiva liberal de que o mercado era um espaço de oportunidades iguais a todos, era o garantidor das liberdades individuais. Porém, o que se revelou é que esta disposição econômica, em torno do mercado, conduziu a sociedade a precarização do trabalho e a concentração de renda (Thompson, 2012).

Do contexto da emergência das percepções, sobre as falhas inerentes às grandes formas de se perceber a realidade (a crise das metanarrativas), o consenso construído sobre a realidade se desfez em múltiplas abordagens - formando o que Lyotard (2009) caracterizou enquanto um estado de incredulidade em relação às metanarrativas.

Lyotard (2009) aborda que os impactos dessas metanarrativas nas vidas das pessoas desdobram-se diretamente no sentimento de insegurança, uma vez que os conceitos que foram internalizados por elas sobre como as coisas são de fato, ou ainda, sobre a realização de previsões sobre o que irá ocorrer no futuro, foram abalados.

O autor informa que este contexto de insegurança somado a grande disponibilidade de informações, característica do início do século XXI, conduz as pessoas a ancorarem suas percepções sobre a realidade em conceitos que fazem mais sentido para elas, individualmente, e independentemente das metanarrativas. Situação que conduz a uma pluralidade de visões de mundo, de toda a realidade, de verdade e formas de acessá-la. Tal pluralidade é, portanto, a essência da pós-modernidade.

Para Hirsch (2020) descrevendo a perspectiva de Hannah Arendt (1906-1975), atrocidades, como o holocausto, somente foram possíveis pelo acriticismo, ou seja, quando há desvinculação das experiências humanas sobre a realidade; quando não há reflexões sobre a moralidade; quando todo e qualquer comando é automaticamente executado, em outras palavras quando há a “banalização do mal”.

É nesse sentido que Ucnik (2020) descreve o pensamento de Arendt como a busca pelo estabelecimento de uma abordagem que permita a compreensão das opiniões dos outros sobre

a realidade, sendo uma forma de ver o mundo através de outras perspectivas, julgando circunstâncias particulares sem recorrer a ditames universais, é desse raciocínio que se tomam as compreensões de Arendt sobre o mundo enquanto um objeto comum de reflexões humanas, que se revela de maneira diferente para cada indivíduo.

De acordo com Herrmann (2021) é preciso compreender que a existência humana parte da concepção que o próprio homem faz de si e das relações que ele estabelece com o meio, como fora proposto por Jean Paul Sartre (1905-1980). Assim o entendimento de si, só pode ser limitado pelo entendimento que o outro faz sobre aquele indivíduo, ou seja, o sujeito não é entendido pela transcendência, mas pela objetificação.

O olhar do outro, quando lançado sobre um determinado indivíduo restringe as possibilidades daquele ser, à meras probabilidades (Herrmann, 2021), em outras palavras, ao ser observado, o indivíduo deixa de lado a sua liberdade em prol do reconhecimento das expectativas do outro. Dessa sistemática, Sartre descreve esse processo de objetificação como uma forma de alienação social. Retomando o pensamento de Marx sobre a alienação, compreendendo-a como a internalização de um projeto estranho de si mesmo imposto por uma situação que não lhe é própria.

6. A contabilidade e o aprofundamento da crise da metanarrativa iluminista

A forma como o *mainstream* contábil objetifica os pesquisadores da área, os colocando a serviço de uma perspectiva em particular e reduzindo a capacidade de refletirem sobre o que estão fazendo, os levando apenas a assumir um conjunto de práticas tradicionais é narrada tanto por Homero Júnior (2021) quanto por Williams (2017). Os autores deixam claro como o contexto de emprego generalizado de uma forma dominante para tratar os aspectos contábeis, força aos pesquisadores a entender que o uso dessa perspectiva *mainstream* é a “melhor maneira” de se proceder.

Chabrak, Haslam e Oakes (2019) apontam a necessidade dos cientistas da área em se desvencilhar das tradições do *mainstream*, como forma de promover questionamentos sobre as convenções, pressupostos e preconceitos estabelecidos na área. Ao estar imerso, e assim permanecer, a uma série de fenômenos que o afasta da reflexão sobre as suas atividades cotidianas, o ser humano acaba por perder o protagonismo de sua existência, deixando de raciocinar sobre as suas motivações (Heidegger, 2005).

Para Bataille (1975), a insegurança do século XXI reflete um modo de viver em sociedade que acaba por estranhar as concepções modernas de verdade. Desta forma, com o tempo, essa verdade (social e econômica) aceita pela maioria, deixou de ser questionada, fazendo reviver a noção das ideias dogmáticas da época medieval, estabelecendo que a contraposição a estes “dogmas” modernos (oposição ao *mainstream*) é penalizada com a marginalização científica, aspecto notado no campo contábil por Hopwood (2007) e Jeanjean e Ramirez (2009).

Sob o aspecto contábil, paradoxalmente ao contexto de deterioração das premissas da estabilidade social que sustentam o pensamento neoliberal, notou-se o movimento contrário, se aprofundou o processo de internacionalização baseado na harmonização e padronização da técnica contábil.

Logo, levados a lidar de forma estática com uma realidade social dinâmica e complexa, inerente ao século XXI, os contadores precisam cotidianamente enfrentar a estabilidade de suas práticas pré-estabelecidas. Assim, sem refletir sobre o contexto social (realidade social vivenciada), novos padrões estáticos são (re)criados no sentido de formar práticas replicáveis internacionalmente que deem conta das anomalias do momento.

Observa-se essa situação, entre outros, em debates como o que deve ser considerado como valor justo; como abrir mão do conservadorismo contábil; como sustentar a noção de neutralidade do contador e do mercado; como lidar com os *accruals*, as escolhas contábeis, ativos biológicos, com as propriedades para investimento; absorver as práticas de leasing.

O resultado desse ciclo de desenvolvimento da contabilidade pela suplantação constante de padrões reforça a situação de daltonismo paradigmático na área, uma vez que essa prática: conduz os contadores (principalmente os cientistas contábeis) a perceber a existência de configurações sociais divergentes daquelas que estavam acostumados; mas não os leva a empregarem esses preceitos notados em suas novas considerações.

Verificando a falência dos preceitos paradigmáticos da modernidade aos moldes da perspectiva do estranhamento de Heidegger (2005) e Wittgenstein (1999), entendem que ao se contrapor a verdades fundamentais e inquestionáveis da idade média, os cientistas modernos acabaram por criar novas verdades igualmente dogmáticas; que por aceitação automática, pouca reflexão e manutenção do status quo tornaram-se pouco, ou sequer, questionadas (Giddens, 1999).

Ainda assim, o contexto histórico que privilegiou o estabelecimento de um *mainstream* econômico, que dominou o pensamento contábil, baseado em uma concepção pragmática a respeito do papel das organizações na sociedade, está vinculado também a uma série de desdobramentos sobre a forma de construção do conhecimento científico, padrões historicamente e amplamente verificados sob ponto de vista da filosofia da ciência.

O quadro1 reúne os principais aspectos históricos considerados neste item do estudo e vincula o mesmo, a forma como a contabilidade era vista em cada momento tratado.

Quadro1 Contexto histórico de formação do *mainstream* contábil

Ano (apr.)	Contexto histórico	Referências históricas	Perspectiva contábil	Referências contábeis
... – 1452	Reflexão sobre os dogmas do período medieval.	Alexander (1999)	Contabilidade como forma de auferir o retorno sobre os investimentos.	Gonçalves (2019)

1453 1789	Adoção de perspectivas republicanas e consolidação do modelo capitalista.	Bataille (1975) Hobsbawm (2015)	Contabilidade como garantidora de confiabilidade das informações financeiras.	Beaver (1997) Ryan, Scapens e Theobald (2002) Iudícibus e Lopes (2004) Lopes e Martins (2005) Scott (2009)
1790 1914	Revolução industrial promovendo mudanças na sociedade.	Hobsbawm (2015)	Surgimento das primeiras normas contábeis em vias de atender preceitos positivistas	Carqueja (2007) Ott e Pires (2009) Kam (1990)
1914 1918	Primeira guerra mundial.		Contabilidade como forma de atender as necessidades informacionais de usuários externos e internos.	Iudícibus, Martins e Carvalho (2005)
1919 1938	Período entre guerras, revolução Russa e crise de 29.	Heilbroner (1996) Hunt e Lautzenheiser (2013) Lyotard (2009)	Estabelecimento de organismos formais (Institucionais) para regulação da atividade contábil, emergência da atividade de auditoria.	Chaves da silva (2019) Mazzucchelli (2008)
1939 1945	Segunda Guerra Mundial e emergência de dúvidas sobre o modelo capitalista.			Rodrigues (2014) Munhoz (2020)
1946 2000	Guerra fria, contraposição entre modelos econômicos e sociais e ascensão do neoliberalismo.	Munhoz (2020) Grant e Brue (2017) Dequech (2007)	Estabelecimento do <i>mainstream</i> contábil sob tutela do <i>mainstream</i> econômico.	Mendes, Fonseca e Sauerbronn (2020) Palea (2017)
2001 Atual	Pós-modernidade, vasta disponibilidade informacional, aumento da complexidade e dinamismo social, crise das metanarrativas.	Bauman (2001) Lyotard (2009)	Internacionalização da contabilidade Emergência do daltonismo contábil.	Santos, Calíope e Coelho (2015) Shearer (2002) Sunder (2014) Viegas e Oliveira (2018)

Fonte: Os autores (2021).

7 Implicações contábeis da emergência da abordagem crítica da realidade

Aparte de uma contestação sobre os modelos político-econômicos, é preciso compreender que o debate empreendido pelo raciocínio crítico vai além da compreensão do mundo através do pensamento marxista clássico, ou ainda de repetir os ideais desta vertente, mas, na verdade, é uma forma de pensar (criticamente) sobre a realidade social, inclusive rompendo com algumas previsões de Marx sobre as características do capitalismo, mas não com a racionalidade crítica de fazê-lo (Nobre, 2004).

Barbieri e Feijó (2014), corroboram com essa assertiva quando estabelecem que um debate desse nível não deve compreender a realidade de maneira dicotômica estabelecendo um embate entre capitalismo e o comunismo, mas uma análise que leve em consideração a economia pura de mercado como um extremo, e, a economia planificada como outro, reconhecendo que contemporaneamente, os países não são nem capitalistas tampouco comunistas, mas economias mistas, que deslizam entre estes aspectos balizados pela intervenção dos governos sob as economias.

Logo, o cerne debate do contábil *monoparadigmático* exposto entre outros por Frezatti et al. (2009), Homero Junior (2021) e Mendes et al. (2020) denuncia o fato de que a realidade social historicamente vem sendo descrita pelos cientistas contábeis exclusivamente pela lente neoliberal.

Ao balizarem a compreensão da realidade social sob o prisma neoliberal (Chiapello, 2017; Chow & Bracci, 2020; Ejiogu et al., 2018), os contadores acabam por naturalizar padrões econômicos, como no caso das abordagens normativas e positivistas da contabilidade, escondendo possíveis entendimentos a respeito da sociedade que levem em conta outros paradigmas.

A crescente crise da narrativa (neo)liberal vem fazendo com que surjam discussões contábeis ainda mais paradoxais do que as meramente conceituais, envolvendo inclusive o que de fato é a contabilidade (Williams, 2017). Por um lado muitos pesquisadores contábeis consideram a contabilidade como uma representação da realidade (Christenson, 1983; Mattessich, 2003; Watts & Zimmerman, 1986), ainda que levem em conta as possíveis imperfeições dessas representações.

Por outro lado, outros pesquisadores tendem a enxergar a contabilidade como uma forma de construir realidades (Catchpowle & Smyth, 2016; Gallhofer & Haslam, 2019) apontando para o fato de que os primeiros necessariamente dependem de uma concepção prévia de sociedade, não o fosse, não haveria como representá-la mediante aspectos contábeis.

Tomar a contabilidade como uma representação da realidade, portanto, não é uma maneira de tomar esta ciência sob a perspectiva social aplicada, mas sim, uma forma de fazer com que a ciência contábil caminhe no sentido de atendimento do paradigma econômico dominante da área, naturalizando os padrões econômicos inerentes a realidade social, sem ao menos tentar compreendê-la sob uma ótica social (Frezatti et al., 2009; Hopwood, 2007; Montagna et al., 1996).

Logo, ao não se incorporar ao estudo contábil um debate em profundidade sobre a realidade em si, afasta-se a possibilidade de emergência de uma concepção contábil própria, alongando a perspectiva *monoparadigmática* historicamente alicerçada em uma perspectiva (neo)liberal da realidade vivenciada (Catchpowle & Smyth, 2016; Yang et al., 2020). Já o raciocínio crítico, oferece em seu escopo a condução a uma melhor compreensão da ciência por si mesma, pois se pergunta a cada momento sobre a natureza do conhecimento que está produzindo. Por isso é uma fonte para a emancipação baseado na tolerância e pluralidade teórica (Nobre, 2004). É deste raciocínio que reflexões contábeis críticas afloram ao longo do anos (Gendron, 2018).

Morales e Sponem (2017) percorrem o desenvolvimento do raciocínio crítico contábil ao longo de vinte e cinco anos do desenvolvimento de um relevante veículo de propagação deste linha de raciocínio, os autores perceberam três fluxos predominantes de estudos: o primeiro voltado para o questionamento do domínio do pensamento *mainstream*; o segundo vinculado a crítica da perspectiva normativa da profissão e expondo novos papéis da contabilidade na sociedade e; o terceiro explorando as contribuições da contabilidade para a sociedade.

Em análise a algumas abordagens críticas ao *mainstream* contábil Chiapello (2017) demonstra a existência de uma corrente de pensamento crítico voltado para considerações sobre o neoliberalismo, nessa corrente o autor descreve que três linhas de pensamento principais são verificadas, a primeira que trata o neoliberalismo enquanto uma fase do capitalismo expressada na corrente dominante da área, a segunda que trata como um discurso que dominou a ciência contábil e, o terceiro como uma perspectiva para se compreender os caminhos da gestão governamental. O autor deixa claro que apesar dos itens serem profundamente relacionados, não é comum verificar estudos que os tratem em concomitância, mas destaca o fato de que a crítica ao *mainstream* contábil através da crítica as reflexões neoliberais enriquecem a pesquisas críticas contábeis.

Um aspecto relevante da crítica ao neoliberalismo enquanto linha de pensamento contábil é exposto por Shenkin e Coulson (2007) e reforçado por Cooper e Coulson (2014), os autores destacam formas pelas quais o pensamento crítico contábil se torna uma ferramenta de produção de novas reflexões na área e, com isso, o indutor de mudanças na forma de se entender a realidade vivenciada, seja em âmbito contábil, organizacional ou social.

Homero Junior (2021) reforça as críticas ao *mainstream* contábil, para o autor a maneira pela qual a contabilidade sustenta sua vertente mais tradicional gera uma sistemática contínua de auto reforço, perpetuando essa situação de dominância na área. Ao lançar luz sob essa questão o autor descreve que essa perspectiva transita por elementos como: (i) a manutenção de um status já adquirido por pesquisadores do *mainstream*, os quais não estão dispostos a abrir mão desse status, o que leva ao (ii) estabelecimento de um ciclo de marginalização de estudos que não seguem a linha dominante que se sustenta por um esforço concentrado de (iii) marginalização de estudo *non-mainstream*.

Cooper (2015) chama atenção para um aspecto particular da contabilidade, o apego a normatização. Para a autora, mesmo reconhecendo que a contabilidade é suscetível a ser capturada por instituições detentoras de grande poder na sociedade, há uma acomodação dos operadores da contabilidade, e dos cientistas contábeis, que os leva a executar a contabilidade como ela se apresenta, sem reflexões. Para a autora, sem essa reflexão, a contabilidade se torna um meio de implementação e propagação de tecnologias construídas para a legitimação e impulsionamento das atividades de negócios, as quais tem em seu cerne o pensamento neoliberal.

Em caminho similar a crítica da reflexão contábil sem maiores reflexões, ou seja, através da análise exclusiva de seus normas, Bakre (2014) descreve a dificuldade de implementação de reivindicações locais perante as normas internacionais da contabilidade. Para o autor a imposição de uma norma internacional está a serviço do imperialismo de nações

desenvolvidas, as quais encontram formas de manter seus status de dominância perante a forma como a contabilidade é ensinada, pensada e aplicada. Neste sentido, o autor afirma que em busca de uma pretensa internacionalização, os contadores acabam por aceitar uma falaciosa intervenção internacional que apaga quesitos regionais e consagra o que é externo a países que forçosamente acatam a esses preceitos.

Abordando questão como o isomorfismo em ambientes contábeis Von Muhlen et al. (2019) destacam que: por um lado, o governo exerce um papel relevante junto a prática da contabilidade na medida em que demanda um grande conjunto complexo de obrigações contábeis empresariais; por outro lado, os empresários tem pouco interesse no desenvolvimento e aplicação de ferramentas contábeis de gestão. Como resultado os contadores (e cientistas contábeis) especializam-se no cumprimento das normas contábeis existentes, deixando pouquíssimo espaço para diferenciações, reflexões e ações diferentes do que é comumente observado no cotidiano contábil.

Por outro lado, mas reforçando a perspectiva crítica da contabilidade, Carnegie e Napier (2012) destacam caminhos pelos quais a observação dos aspectos históricos da contabilidade se tornam capazes de gerar compreensão aprofundadas sobre o que se passou na área, o que está ocorrendo e assim gerar possibilidades sobre o que poderá vir a ocorrer. Para os autores a análise (e reanálise) da história revela os motivos pelos quais a contabilidade se encontra em seu “estado atual”, processo pelo qual, fatalmente, aponta para que outros caminhos sejam construídos. Reflexões acompanhadas por Duarte et al. (2021).

Deegan (2017) destacam a responsabilidade inerente aos pesquisadores contábeis sobre a sociedade e o ambiente, para o autor é preciso reconhecer aspectos de *accountability* inerentes a relações sociais e organizacionais. Para ele isso necessariamente requer (i) novos esforços de pesquisas que ultrapassem a noção do “business as usual”, (ii) desprendimento da entendimentos políticos arraigados (preconceituosos), (iii) orientação para a prática de mudanças e não apenas para o debate e (iv) (re)fundação de caminhos e práticas educacionais.

O quadro 2 destaca as correntes do pensamento crítico contábil tratadas neste estudo.

Quadro 2. Aspectos da abordagem crítica da contabilidade

Linha de pensamento crítico	Característica	Item abordado
Crítica ao <i>mainstream</i>	Críticas ao neoliberalismo	Fase do capitalismo
		Discurso
		Governamentalidade
		Rompimento de padrões
	Mecanismo de autopreservação do <i>mainstream</i>	Marginalização
		Vigilância
		Status
Crítica ao normativismo	Legitimação da perspectiva financeira	
	Colonialismo	Ensino
		Qualificação
		Desempenho
Abordagem social	História como elemento de consciência	
	Pesquisa socioambiental em contabilidade	Complexidade organizacional

		Desprendimento político
		Mudanças
		Novas práticas educacionais

Fonte: Os autores (2021).

8 Considerações finais

É aceitável o fato de que os estudos interpretativos não conduzem a conclusões únicas, pois estão calcados nas considerações dos autores, ao mesmo tempo, uma replicação de um estudo interpretativo pode levar a conclusões divergentes, isso também decorre do fato de que pesquisador e objeto de estudo interagem e, cujo próprio objeto é capaz de contornar o pesquisador (Szmigin & Foxall, 2000).

Com isso, nota-se que uma perspectiva contábil *non-mainstream*, sem as devidas reflexões sobre questões ontológicas e epistemológicas a respeito do assunto abordado, pode ser tão particular quanto os estudos contábeis positivistas (Cooper(2015), ou seja, as considerações contábeis sem apreciações sobre a realidade, podem acabar conduzindo a resultados incipientes, determinísticos e a regramentos universais, nem sempre aceitos pela comunidade (Bakre, 2014). Dessa forma acabam por prejudicar o estabelecimento de reflexões críticas e impõe o ciclo de dominação restritivo aos atores, conduzindo-os a um mesmo foco essencial, no caso contábil o da geração do lucro.

Neste contexto, positivistas contábeis ao elencarem sempre determinadas teorias como base para suas considerações, acabam por fazê-lo levando em conta o que eles mesmos assumem como inerente à realidade (Carnegie & Napier, 2012; Duarte et al., 2021). Caminhando sempre sobre os mesmos trilhos paradigmáticos, se baseiam em conceitos já reconhecidos e aceitos universalmente, apresentando resultados que reforçam sempre a mesma lógica econômica e social historicamente estabelecida (Deegan, 2017).

Assim, considerando o positivismo contábil parcial em seus posicionamentos teóricos, e algumas abordagens contábeis *non-mainstream* parciais em sua forma de entender a prática; os estudos críticos, com reflexões aprofundadas sobre a realidade vivenciada, toma a teoria e prática contábil como elementos indissociáveis, inerentes um ao outro (Cooper & Coulson, 2014). A teoria apontando para um ideal a ser atingido e a prática considerada como a forma como tudo acontece. Sendo o papel da ciência contábil a construção e retratação de caminhos de superação dos obstáculos notados pela prática, os quais impedem que os potenciais teóricos da realidade sejam por si atingidos.

Deste prisma, a contabilidade deixa tanto a passividade em relação às teorias quanto a representatividade em relação a prática, e se torna ativa na busca por compreender a sociedade sob as suas lentes, uma vez que os obstáculos e os caminhos para a materialização das realidades possíveis, são envolvidos sob um contexto contábil próprio e integrado de proposição teórica e concepção prática (Gallhofer & Haslam, 2019; Morales & Sponem, 2017; Spence, 2009; Yang et al., 2020).

Em resposta à problematização apresentada nota-se que o debate onto-epistemológico conduz os cientistas contábeis de uma situação de passividade (Heidegger, 2005; Sartre, 2011)

analítica sobre as mazelas da sociedade para uma posição ativa (Chua, 2019; Morales & Sponem, 2017), promovendo a emergência de soluções organizacionais complexas que considerem diferentes dimensões da realidade social.

Por conseguinte, este estudo sinaliza apontamentos que convergem ao objetivo de propor considerações contábeis sobre a sociedade, expondo o quanto a aceitação automática de certas premissas, por uma determinada comunidade de pesquisadores, prejudica o estabelecimento de reflexões críticas e impõe um ciclo de dominação o qual mantém os cientistas presos em torno de um mesmo foco essencial, no caso contábil o da geração de lucro. A contribuição do estudo recai no esclarecimento e consequente sugestões de linhas de pesquisa para a realização de estudos críticos contábeis, de modo a despertar o interesse de pesquisadores, para além da perspectiva dominante, e assim contribuir com o rompimento de padrões históricos de dominação e baixa reflexão sobre a realidade vivenciada.

Como desdobramentos futuros, considera-se que outras abordagens sobre a realidade, além da histórica como a aplicada neste estudo, sejam capazes de produzir entendimentos aprofundados tanto sobre a realidade como as formas de construção de verdades, como no caso entre outros, das perspectivas da filosofia da ciência e da sociologia do conhecimento.

Referências

- Alexander, J. C. (1999). A importância dos clássicos. In A. Giddens & J. Turner (Eds.), *Teoria social hoje* (Vol. 1, pp. 23–89). Editora da UNESP.
- Andrew, J., Cooper, C., & Gendron, Y. (2020). Critical perspectives on accounting and journal rankings: Engaging in counter discourses and practices. *Critical Perspectives on Accounting*, 71, 102–169. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2020.102169>
- Atkinson, M., & Paul, H. (2007). *Ethnography: Principles in Practice* (3rd ed.). Routledge.
- Bachelard, G. (1978). *A poética do espaço*. Abril Cultural.
- Bakre, O. M. (2014). Imperialism and the integration of accountancy in the commonwealth caribbean. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(7), 558–575. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2013.08.008>
- Barbieri, F., & Feijó, R. L. C. (2014). *Metodologia do pensamento econômico: o modo de fazer ciência dos economistas* (1st ed.). Atlas.
- Basu, S. (2012). How Can Accounting Researchers Become More Innovative? *Accounting Horizons*, 26(4), 851–870. <https://doi.org/10.2308/acch-10311>
- Bataille, G. (1975). Os Dados Históricos III A Sociedade Industrial. In G. Bataille (Ed.), *A noção de despesa: a parte maldita* (1st ed., Vol. 1, pp. 105–138). IMAGO.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Beaver, W. (1997). Market efficiency. In *Financial Reporting: An Accounting Revolution* (3rd ed., p. 192). Prentice Hall.
- Brue, S., & Grant, R. (2016). *História do pensamento econômico*. Cengage Learning.

- Bryman, A. (2003). Quantity and Quality in Social Research. In *Quantity and Quality in Social Research*. Taylor & Francis. <https://doi.org/10.4324/9780203410028>
- Carnegie, G. D., & Napier, C. J. (2012). Accounting's past, present and future: The unifying power of history. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 25(2), 328–369. <https://doi.org/10.1108/09513571211198782>
- Carqueja, H. O. (2007). Teoria da contabilidade – uma interpretação – estrutura conceptual e teoria da contabilidade. *Revista de Estudos Politécnicos*, 7(1), 7–40.
- Catchpowle, L., & Smyth, S. (2016). Accounting and social movements: An exploration of critical accounting praxis. *Accounting Forum*, 40(3), 220–234. <https://doi.org/10.1016/j.accfor.2016.05.001>
- Chabrak, N., Haslam, J., & Oakes, H. (2019). What is accounting? The “being” and “be-ings” of the accounting phenomenon and its critical appreciation. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 32(5), 1414–1436. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-08-2017-3097>
- Chiapello, E. (2017). Critical accounting research and neoliberalism. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 47–64. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.09.002>
- Chow, D., & Bracci, E. (2020). Neoliberalism, accounting, and the transformation of subjectivities in social work: A study on the implementation of personal budgets. *Financial Accountability and Management*, 36(2), 151–170. <https://doi.org/10.1111/faam.12231>
- Christenson, C. (1983). The Methodology of Positive Accounting. *The Accounting Review*, 58(1), 1–22. <http://www.jstor.org/stable/10.2307/246639>
- Chua, W. F. (1986). Radical Developments in Accounting Thought. *Accounting, the Social and the Political*, 61(4), 55–66. <https://doi.org/10.1016/b978-008044725-4/50009-6>
- Chua, W. F. (2019). Radical Developments in Accounting Thought? Reflections on Positivism, the Impact of Rankings and Research Diversity. *Behavioral Research in Accounting*, 31(1), 3–20. <https://doi.org/10.2308/bria-52377>
- Collingridge, D. S., & Gantt, E. E. (2008). The quality of qualitative research. *American Journal of Medical Quality*, 23(5), 389–395. <https://doi.org/10.1177/1062860608320646>
- Cooper, C. (2015). Accounting for the fictitious: A Marxist contribution to understanding accounting's roles in the financial crisis. *Critical Perspectives on Accounting*, 30, 63–82. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2014.08.002>
- Cooper, C., & Coulson, A. B. (2014). Accounting activism and Bourdieu's “collective intellectual” - Reflections on the ICL Case. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(3), 237–254. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2013.01.002>
- Cooper, D. J., & Hopper, T. M. (1987). Critical studies in accounting. *Accounting, Organizations and Society*, 12(5), 407–414. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90028-6](https://doi.org/10.1016/0361-3682(87)90028-6)
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª). Artmed.
- de Iudícibus, S., Ribeiro Filho, J., Lopes, J., & Pederneiras, M. (2012). Uma reflexão sobre a
- Prospectus – Perspectivas Qualitativas em Contabilidade e Organizações. João Pessoa. v. 2, n. 2, p. 103 – 131, dez/2022.

- contabilidade: caminhando por trilhas da “teoria tradicional e teoria crítica.” *BASE - Revista de Administração e Contabilidade Da Unisinos*, 8(4), 274–285.
<https://doi.org/10.4013/base.2011.84.01>
- de Villiers, C., Dumay, J., & Maroun, W. (2019). Qualitative accounting research: dispelling myths and developing a new research agenda. *Accounting and Finance*, 59(3), 1459–1487.
<https://doi.org/10.1111/acfi.12487>
- Deegan, C. (2017). Twenty five years of social and environmental accounting research within Critical Perspectives of Accounting: Hits, misses and ways forward. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 65–87. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.06.005>
- Dequech, D. (2007). Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, 30(2), 279–302. <https://doi.org/10.2753/PKE0160-3477300207>
- Duarte, C., Goç Alves, M., & Góis, C. (2021). Anatomia da história da contabilidade: questões epistemológicas, distinção entre história tradicional da contabilidade e nova história da contabilidade e referência às suas diferentes áreas de estudo. *ConTexto - Contabilidade Em Texto*, 21(49), 2–16. <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/113391>
- Ejiogu, A., Ambituuni, A., & Ejiogu, C. (2018). Accounting for accounting’s role in the neoliberalization processes of social housing in England: A Bourdieusian perspective. *Critical Perspectives on Accounting*, 80, 102053. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2018.07.002>
- Feyerabend, P. (2011). *Contra o método*. Editora da UNESP.
- Frezatti, F., Nascimento, A. R. do, & Junqueira, E. (2009). Desenvolvimento da pesquisa em Contabilidade Gerencial : as restrições da abordagem monoparadigmática de Zimmerman. *Journal of Accounting and Economics*, 2001, 6–24.
<https://doi.org/10.1590/S1519-70772009000100002>
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2019). Some reflections on the construct of emancipatory accounting: Shifting meaning and the possibilities of a new pragmatism. *Critical Perspectives on Accounting*, 63, 101975. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.01.004>
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50(2017), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>
- Gendron, Y., & Baker, C. R. (2005). On interdisciplinary movements: The development of a network of support around Foucaultian perspectives in accounting research. *European Accounting Review*, 14(3), 525–569. <https://doi.org/10.1080/09638180500041364>
- Giddens, A. (1999). Estruturalismo pós-estruturalismo e produção da cultura. In *Teoria social hoje* (pp. 280–319). Editora da UNESP.
- Gonç alves, M. (2019). Contabilidade por partidas dobradas: história, importância e pedagogia (com especial referência à sua institucionalização em Portugal, 1755–1777). *De Computis - Revista Española de Historia de La Contabilidad*, 16(2), 69.
<https://doi.org/10.26784/issn.1886-1881.v16i2.355>
- Gray, R., & Milne, M. J. (2015). It’s not what you do, it’s the way that you do it? Of method

- and madness. *Critical Perspectives on Accounting*, 32, 51–66.
<https://doi.org/10.1016/j.cpa.2015.04.005>
- Heidegger, M. (2005). Necessidade, estrutura e primado da questão do ser. In M. Heidegger (Ed.), *Ser e tempo* (pp. 27–38). Vozes.
- Heilbroner, R. (1996). A História do Pensamento Econômico. In *Os Economistas*. Nova Cultural.
- Herrmann, S. (2021). Misrecognising Recognition. Foundations of a Critical Theory of Recognition. *Critical Horizons*, 22(1), 56–69.
<https://doi.org/10.1080/14409917.2021.1886670>
- Hertzog, L., & Weiss, R. A. (2015). A finalidade moral do fazer sociológico: sobre os sentidos do conceito de normal em Émile Durkheim. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 20(2), 312. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p312>
- Hirsch, R. (2020). Bounded action: Hannah Arendt on the history of science and the limits of freedom. *Philosophy and Social Criticism*, 46(4), 431–451.
<https://doi.org/10.1177/0191453719840762>
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (2ª, Vol. 1). Companhia das Letras.
- Hobsbawm, E. (2015). *A era das revoluções: europa 1789 - 1848* (33rd ed.). Paz & Terra.
- Homero Junior, P. F. (2017). A Constituição do Campo Científico e a Baixa Diversidade da Pesquisa Contábil Brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 11(3), 314–328. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>
- Homero Junior, P. F. (2021). Reflexões sobre a Prática da Pesquisa Crítica em Contabilidade no Brasil. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 15(2), 225–242.
<https://doi.org/10.17524/repec.v15i2.2823>
- Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *Accounting Review*, 82(5), 1365–1374.
<https://doi.org/10.2308/accr.2007.82.5.1365>
- Hunt, E. K., & Lautzenheiser, M. (2013). *História do Pensamento Econômico*. Elsevier.
- Iudícibus, S. de, & Lopes, A. B. (2004). *Teoria avançada da contabilidade*. Atlas.
- Iudícibus, S. de, Martins, E., & Carvalho, L. N. (2005). Contabilidade: aspectos relevantes da epopéia de sua evolução. *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(38), 7–19.
<https://doi.org/10.1590/s1519-70772005000200002>
- Jeanjean, T., & Ramirez, C. (2009). Back to the Origins of Positive Theories: A Contribution to an Analysis of Paradigm Changes in Accounting Research. *Accounting in Europe*, 6(1), 107–126. <https://doi.org/10.1080/17449480902896510>
- Kohn, E. (2015). Anthropology of Ontologies. *Annual Review of Anthropology*, 44(1), 311–327.
<https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-014127>
- Kuhn, T. (2017). *A Estrutura das Revoluções Científicas* (13ª). Perspectiva.

- Lakatos, I. (1979). O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In I. Lakatos & A. Musgrave (Eds.), *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. Cultrix.
- Laudan, L. (2011). *O progresso e seus problemas: rumo a uma teoria do crescimento científico* (1st ed.). Editora da UNESP.
- Laville, C., & Dionne, J. (2007). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.
- Lee, B., & Humphrey, C. (2006). More than a numbers game: Qualitative research in accounting. *Management Decision*, 44(2), 180–197.
<https://doi.org/10.1108/00251740610650184>
- Lopes, A. B., & Martins, E. (2005). *Teoria da contabilidade: uma nova abordagem*. Atlas.
- Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, 21(2), 110–115. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2010.02.002>
- Lyotard, J. F. (2009). *A condição pós moderna*. José Olympio.
- Macintosh, N. B. (2009). Accounting and the truth of earnings reports: Philosophical considerations. *European Accounting Review*, 18(1), 141–175.
<https://doi.org/10.1080/09638180802327073>
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). Fundamentos de metodologia científica. In Editora Atlas S. A. Atlas. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100005>
- Martins, E. (2005). Editorial: normativismo e/ou positivismo em contabilidade: qual o futuro? *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(39), 3–3. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000300001>
- Martins, E. (2014). Pensata inversão de papéis. *Revista Contabilidade & Finanças*, 25(65), 99–100.
- Mattessich, R. (2003). Accounting representation and the onion model of reality: A comparison with Baudrillard's orders of simulacra and his hyperreality. *Accounting, Organizations and Society*, 28(5), 443–470. [https://doi.org/10.1016/S0361-3682\(02\)00024-7](https://doi.org/10.1016/S0361-3682(02)00024-7)
- Mattessich, R. (2012). Methodological Preconditions and Problems of A General Theory of Accounting. *American Accounting Association*, 47(3), 469–487.
- Maturana, H. (2002). *A ontologia da realidade*. Editora da UFMG.
- Mays, N., & Pope, C. (2019). Quality in qualitative research. *Qualitative Research in Health Care*, 211–233. <https://doi.org/10.1002/9781119410867.ch15>
- Mazzucchelli, F. (2008). A crise em perspectiva: 1929 e 2008. *Novos Estudos CEBRAP*, 82, 57–66. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002008000300003>
- Mendes, D., Fonseca, A. C. P. D., & Sauerbronn, F. F. (2020). Modos de ideologia e de colonialidade em materiais didáticos de Contabilidade. *Education Policy Analysis Archives*, 28(99), 99. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.5061>
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*,

- 15(2), 320–332. <https://doi.org/10.1590/s1415-65552011000200010>
- Montagna, P., Hopwood, A. G., & Miller, P. (1996). Accounting as Social and Institutional Practice. *Contemporary Sociology*, 25(1), 103. <https://doi.org/10.2307/2076997>
- Morales, J., & Sponem, S. (2017). You too can have a critical perspective! 25 years of Critical Perspectives on Accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 149–166. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.09.003>
- Morgan, G. (1988). Accounting as reality construction: Towards a new epistemology for accounting practice. *Accounting, Organizations and Society*, 13(5), 477–485. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(88\)90018-9](https://doi.org/10.1016/0361-3682(88)90018-9)
- Moser, D. V. (2012). Is accounting research stagnant? *Accounting Horizons*, 26(4), 845–850. <https://doi.org/10.2308/acch-10312>
- Munhoz, S. J. (2020). *Guerra Fria : história e historiografia* (1st ed.). Appris.
- Nepomuceno, V. (1999). Os Construtos e a Crise Conceitual Contábil. *Contabilidade Vista & Revista*, 10(3), 51–65.
- Nobre, M. (2004). *A teoria critica* (1st ed.). Zahar.
- Ott, E., & Pires, C. B. (2009). Estudando teoria da contabilidade. In Atlas (Ed.), *Estudando teoria da contabilidade* (1st ed.).
- Pagni, P. A. (2006). Da polêmica sobre a pós-modernidade aos “desafios” lyotardianos à Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, 32(3), 567–587. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022006000300010>
- Palea, V. (2017). Whither accounting research? A European view. *Critical Perspectives on Accounting*, 42, 59–73. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.03.002>
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice*. Sage publications.
- Popper, K. (2017). *A lógica da pesquisa científica*. Cultrix.
- Rodrigues, T. (2014). *Guerra e política nas relações internacionais*. Educ - Editora da PUC-SP.
- Ronzani, C. M., Da Costa, P. R., Da Silva, L. F., Pigola, A., & De Paiva, E. M. (2020). Qualitative methods of analysis: an example of Atlas.TI™ Software usage. *Revista Gestão & Tecnologia*, 20(4), 284–311. <https://doi.org/10.20397/2177-6652/2020.v20i4.1994>
- Ryan, B., Scapens, R. W., & Theobald, M. (2002). Research Methodology in Finance and Accounting. In *Research Methods in Finance and Accounting* (2nd ed.). Academic Press Limited.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. del P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (5th ed.). Editora Penso.
- Santos, J. G. C. dos, Calíope, T. S., & Coelho, A. C. (2015). Teorias da Firma como fundamento para formulação de teorias contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 9(1). <https://doi.org/10.17524/repec.v9i1.1182>

- Sartre, J. P. (2011). *O ser e o nada* (20 ed.). Vozes.
- Sauerbronn, F. F., Ayres, R. M., da Silva, C. M., & Lourenço, R. L. (2021). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, *xxxx*, 102281. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2020.102281>
- Scott, W. (2009). Efficient Security Markets. In *Financial Accounting Theory* (5th ed., p. 546). Prentice Hall.
- Shearer, T. (2002). Ethics and accountability: From the for-itself to the for-the-other. *Accounting, Organizations and Society*, *27*(6), 541–573. [https://doi.org/10.1016/S0361-3682\(01\)00036-8](https://doi.org/10.1016/S0361-3682(01)00036-8)
- Shenkin, M., & Coulson, A. B. (2007). Accountability through activism: Learning from Bourdieu. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, *20*(2), 297–317. <https://doi.org/10.1108/09513570710741037>
- Silva, R. A. C. da. (2019). A história da normatização contábil americana com ênfase na mundial. *Revista Activos*, *17*(2). <https://doi.org/10.15332/25005278/5732>
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, *104*(March), 333–339. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>
- Spence, C. (2009). Social accounting's emancipatory potential: A Gramscian critique. *Critical Perspectives on Accounting*, *20*(2), 205–227. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2007.06.003>
- Sunder, S. (2014). Teoria da contabilidade e do controle. In S. Sunder (Ed.), *Teoria da contabilidade e do controle* (1st ed., p. 55). Atlas.
- Szmigin, I., & Foxall, G. (2000). Interpretive consumer research: How far have we come? *Qualitative Market Research: An International Journal*, *3*(4), 187–197. <https://doi.org/10.1108/13522750010349288>
- Thompson, E. P. (2012). Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência.' In A. L. NEGRO & S. SILVA (Eds.), *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. EdUnicamp.
- Toulmin, S. E. (2001). *O uso dos argumentos argumentos*. Martins fontes.
- Ucnik, L. (2020). Conscience, morality, judgment: The bond between thinking and political action in hannah arendt. *Telos*, *2020*(192), 81–100. <https://doi.org/10.3817/0920192081>
- Vaivio, J. (2008). Qualitative management accounting research: Rationale, pitfalls and potential. *Qualitative Research in Accounting & Management*, *5*(1), 64–86. <https://doi.org/10.1108/11766090810856787>
- Vernon Kam. (1990). Accounting theory. In *Accounting Theory* (2nd ed., Vol. 3). John Willey & Sons.
- VIEGAS, P. G. A. R., & OLIVEIRA, J. H. C. de. (2013). Management Accounting Research: Mainstream versus Alternative Approaches. *Contabilidade Vista & Revista*, *22*(4), 15–44.
- Von Muhlen, A., Dal Vesco, D., Meyr, C., & Grapegia, A. (2019). Isomorfismo institucional na

- contabilidade: uma pesquisa em um escritório contábil. *Revista Gestão Organizacional*, 12(3), 141–157.
file:///C:/Users/Notebook/Downloads/Muhlen_Vesco_Meyr_Grapegia_2019_Isomorfismo-Institucional-na-C_55699.pdf
- Wanderley, C. de A., & Cullen, J. (2012). Pesquisa em Contabilidade Gerencial: Mainstream versus Pesquisa Alternativa. *Revista Contabilidade Vista & Revista*, 22(4), 15–44.
- Watts, R., & Zimmerman, J. (1986). *Positive Accounting Theory* (1st ed.). Prentice Hall.
- Waymire, G. B. (2012). Introduction for essays on the state of accounting scholarship. *Accounting Horizons*, 26(4), 817–819. <https://doi.org/10.2308/acch-50236>
- Williams, P. F. (2017). Jumping on the wrong bus: Reflections on a long, strange journey. *Critical Perspectives on Accounting*, 49, 76–85. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.10.004>
- Wittgenstein, L. (1999). *Investigações filosóficas*. Nova Cultural.
- Wong, A., George, S., & Tanima, F. A. (2021). Operationalising dialogic accounting education through praxis and social and environmental accounting: exploring student perspectives. *Accounting Education*, 30(5), 525–550. <https://doi.org/10.1080/09639284.2021.1919531>
- Yang, D., Dumay, J., & Tweedie, D. (2020). Accounting for the “uncounted” workers: a dialectical view of accounting through Rancière. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 33(7), 1627–1655. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-06-2020-4608>

NOTAS

Contribuição de Autoria

Contribuição	Eduardo Codevilla Soares	Vagner de Oliveira Magrini	Nilton Cesar de Lima
1. Definição do problema de pesquisa	X	X	X
2. Fundamentação Teórica/Revisão de Literatura	X	X	X
3. Definição dos procedimentos metodológicos	X	X	X
4. Coleta de dados	X	X	X
5. Análise e interpretação dos dados	X	X	X
6. Revisão crítica do artigo	X	X	X
7. Escrita do artigo	X	X	X

Editores

Editora Geral: Viviane da Costa Freitag

Editora Adjunta: Victoria P. Zuniga Melo

Histórico

Recebido em: 21/10/2022

Revisado por pares em: 16/11/2022

Reformulado e recomendado para publicação: 22/12/2022

Publicado em: 30/12/2022